

ROTAS, RITOS E SONHOS: a voz feminina do Norte, presente na história de vida de uma professora

Laila Cristine Ribeiro da Silva¹

Resumo: O presente artigo objetivou analisar as memórias que revelam as experiências de territorialidades que marcaram os caminhos de vivências, bem como os labores experimentados para a sobrevivência e as expectativas de futuro, na narrativa de vida de uma mulher. Para isso utilizou-se o método da História Oral, valendo-se da técnica da entrevista, que serviu como fonte nessa pesquisa, contribuindo para a solidificação da importância da oralidade em meios aos trabalhos das ciências humanas e muito propriamente para a História. A partir dessa perspectiva, a entrevista foi transcrita e a análise dos discursos que a compõem realizada pela intersecção de conceitos referente a memória, identidade e docência, também se utilizou, alguns conhecimentos produzidos sobre as mudanças históricas das conjunturas sociais das mulheres. Essa escrita possibilitou dar visibilidade a voz feminina de uma professora atuante na educação do campo da região Norte do Brasil. Espera-se contribuir com essa pesquisa para oportunizar o protagonismo feminino como fonte científica, solidificando a presença das mulheres nas diferentes áreas disciplinares, fortalecendo a igualdade entre os gêneros e combatendo os preconceitos.

Palavras-Chave: História de vida. Docência. Memória e Identidade

Abstract: This article aims to analyze the memories that reveal the experiences of territorialities that marked the ways of living, as well as the experiences tried for survival and future expectations, in the narrative of a woman 's life. For this purpose, the Oral History method was used, using the technique of the interview, which served as a source in this research, contributing to the solidification of the importance of orality in means to the works of the human sciences and very properly for History. From this perspective, the interview was transcribed and the analysis of the discourses that compose it through the intersection of concepts related to memory, identity and teaching, was also used, some knowledge produced on the historical changes of the social conjunctures of women. This writing made it possible to give visibility to the female voice of a teacher who is active in the education of the countryside of the Northern region of Brazil. It is hoped to contribute to this research in order to promote female protagonism as a scientific source, solidifying the presence of women in different disciplinary areas, strengthening gender equality and combating prejudice.

Keywords: Life history. Teaching. Memory and Identity

¹Aluna da 3º Turma do Mestrado Profissional em História- Profhistória. Núcleo - UFT;Araguaína-TO; E-mail: lailacristine300@hotmail.com. Bolsista CAPES.

Recebido em 06/06/2019

Aprovado em 29/06/2019

1. INTRODUÇÃO

Várias são as inspirações que podem conduzir uma pesquisa no campo referente as ciências humanas e motivar o exercício da escrita. Por acreditar que essas razões enunciativas, muitas vezes se fazem valiosas para o entendimento do contexto dos trabalhos, destacamos as primeiras linhas desse artigo para situar o seu local de nascimento e forma de realização. A sua gênese ocorreu durante a participação da autora em uma disciplina intitulada: *Poder, Territórios e Identidades: As narrativas de mulheres do Norte*, ministrada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, na Universidade Federal do Tocantins, campos de Araguaína.

A ocasião esteve destinada para a realização e aprofundamento das discussões acerca da perspectiva do feminino no Norte e as relações de poder advindas das múltiplas identidades e territórios constituídos pelo Estado, nação, fronteiras, discursos e narrativas. Como atividade que celebrasse o final desse valioso encontro, houve a proposição aos discentes de execução de uma entrevista de uma mulher, que habitasse a Região Norte e que essa, fosse orientada por um roteiro semiestruturado, que levasse em consideração suas Rotas, Ritos e Sonhos.

Imbuída por esses direcionamentos e endossando a preciosidade de visibilizar a voz feminina dentro da conjuntura social brasileira que foi, e ainda é, constantemente silenciada pela sociedade patriarcal, tem-se nessa oportunidade um ato quase que militante, isso porque, como prescreve Michele Perrot, (2007, p. 16) “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”.

As mulheres fazem parte do contingente histórico renegado por muitas vezes ao esquecimento e aos confinamentos marginais da sociedade e tem buscado espaços de rompimento e protagonismo. Poder contribuir para a solidificação da emergência do “objeto mulher”, nos estudos das ciências humanas e muito particularmente da história é um privilégio. Mas diante do oportunismo científico trazidos por essa situação, não antes planejada, mas de muita importância, vem-se a mente alguns questionamentos: A quem escolher? Qual caminho narrativo de existência deveria fazer parte desse trabalho? Tais indagações embora pareçam ser algo simples de dissipar, diante dos cenários históricos ligados a desigualdade de gênero de um país que ainda convive com a exploração sexual, diferenças salariais entre mulheres e homens,

preconceitos, violência e até feminicídio², escolher uma mulher para a realização de sua entrevista é algo complexo, pois se tem muito a ganhar buscando oportunizar o conhecimento dos relatos de vida daquelas que na prática vivenciam em seu cotidiano as imbricações desse processo.

Bom seria se houvesse condições de protagonizar muitas outras vozes femininas que guardam em suas memórias de vida as marcas da construção de sua identidade, pois como bem define Paul Ricoeur, “as vidas humanas têm necessidades e merecem ser contadas” (RICOEUR, 1994, p.116). Entretanto, devido às limitações específicas inerentes a dimensão desse artigo, não seria possível.

Assim, a escolha partiu da aproximação dos estudos realizados pela pesquisadora em seu trabalho dissertativo de mestrado, que leva em consideração a atuação de professores(a) no campo do Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Mas ainda assim, seria necessário um recorte, foi aí então, que ocorreu a decisão de convidar uma professora que não se constitui sujeito direto da pesquisa do mestrado, mas que muito têm influenciado essa trajetória de forma indireta e que possuiu em seu processo formativo a Educação de Jovens e Adultos como rota estudantil.

A entrevistada convidada foi a professora do campo Luzinete Lopes da Silva, 62 anos, moradora do Assentamento Tucumerim, Município de Piraquê, Estado do Tocantins, Região Norte do Brasil, minha mãe. A aproximação familiar com a mulher que inspirou essa pesquisa despertou vários sentidos sensíveis que poderiam ser revelados pelo próprio “peso” da palavra *Mãe*, entretanto, mesmo considerando a existência de algumas críticas da aproximação afetiva na relação dos autores com seus objetos pesquisados, é válido se lembrar de E. P. Thompson, quando indagado sobre a suposta rigidez pertencente ao “fazer história” no campo acadêmico/científico, afirmou:

A história é a memória de uma cultura e a memória jamais pode estar livre de paixões e de comprometimentos. Não me sinto inibido de forma nenhuma pelo fato de que minhas próprias paixões e comprometimentos sejam evidentes (Apud PALMER, 1996, p. 123-124).

Mas ao mesmo tempo, concordamos que a subjetividade poderá ser aflorada de uma maneira mais acelerada por se tratar de um universo familiar, e por isso é preciso ter a clareza

²Feminicídio é o homicídio cometido contra mulheres que é motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>.

do compromisso étnico que é inerente as práticas do campo científico e assim, imergir no direcionamentos do método e da teoria para encontrar o caminho do fim determinado.

Nesse sentido, a metodologia utilizada nesta pesquisa refere-se a História Oral, e tomamos como referência o pensamento de Alessandro Portelli (2016), que nos informa sobre a utilização do discurso oral como instrumento de pesquisa e análise histórica. Nessa narrativa de vida, pretendemos verificar quais memórias revelam as experiências de temporalidade que marcam os caminhos de vivências territoriais, bem como os labores experimentados para a sobrevivência e as expectativas de futuro da mulher entrevistada.

Para entendimento da memória fizemos uso de Michel Pollack (1992), segundo ele, a memória conduz a construção da identidade em uma perspectiva de relacionamento social, algo que se demonstra na utilização da técnica de entrevista de narrativas de vida. Nas questões relacionadas a conjuntura histórica dos movimentos femininos no Brasil utilizamos as contribuições de pensamento de Michelle Perrot (2007) e Peter Stearns(2015)que dedicaram seus estudos dos traçados históricos percorridos pelas as mulheres e sua relação de gênero.

Nos assuntos referentes a formação docente nos valem de Antônio Nóvoa(1992) e seus ensinamentos, para quem, a noção de formação docente se relaciona intimamente com o conceito de aprendizagem permanente, considerando sempre os saberes como resultantes de um processo de formação dentro e fora da escola, implicando aspectos de ordem profissional, mas também pessoal.

Espera-se contribuir com essa pesquisa para oportunizar o protagonismo feminino como fonte científica solidificando a presença da mulher nas diferentes áreas disciplinares, fortalecendo a igualdade entre os gêneros e combatendo os preconceitos.

2. ROTAS: OS CAMINHOS TERRITORIAIS E OS SEUS SIGNIFICADOS

Nesta parte do texto utilizarei a primeira pessoa por acreditar que aqui seria o espaço ideal para buscar uma maior aproximação com os interlocutores, de modo a não somente contribuir com o situar já iniciado na introdução dessa pesquisa, mas também possibilitar através dessa interação a elaboração de sentidos ao logo da escrita.

Retomando o percurso das etapas de sua construção e após ser desafiada a sua realização, me pus a pensar acerca dos registros de memória que compunham a história de vida de minha mãe e como esses fatos estaria correlacionado com sua identidade.

Foi aí então que em uma manhã qualquer de domingo ensolarada, ao receber sua visita em minha casa, na cidade de Araguaína - TO, eu fiz o convite da entrevista, confesso que fiquei surpresa com sua resposta, pois prontamente me falou: “Posso até te conceder minha entrevista, mas só falo se for na escola que trabalho”. Naquele exato momento, ficou claro para mim, que ela estaria pronta para narrar algo no qual estava intimamente ligado a ocupação do território o qual ela e a aquela escola fazem parte. Percebi que a problematização de sua história de vida, só poderia ser realizada partindo do lugar ao qual pertence historicamente.

Saquet (2008, p.78) ao tratar sobre a conceitualização de espaço e território, evidencia a visão estabelecida por Raffestin(1993), ao mencionar que “o território, na sua abordagem, é construído a partir da apropriação do espaço: é o espaço transformado historicamente pelas sociedades”. Na postura mencionada frente a entrevista em delimitar o local de sua realização, deixava transparecer a possível vontade de se evidenciar as relações de vida construída com aquele território e muito especialmente com a escola. A interação constituída com aquela localidade poderia estar estabelecida na visão definida por Pierre Nora (1993) como “um lugar de memória”, restava agora saber como isso se materializaria em sua narrativa de vida.

E no dia e hora marcada me apresentei para esse encontro, que ao primeiro olhar me desafiava pela missão de tentar controlara intimidade que o compunha, mas no seu desenrolar, me revelou toda a exteriorização de minhas expectativas. Estive pela primeira vez na Escola Municipal do Campo Gilmar Alves Batista, que se encontra localizada no Assentamento Agrícola Tucumerim, a 42 km da cidade do Piraquê, Tocantins, Norte do Brasil. Mesmo sendo o local de trabalho de minha mãe, pela distância geográfica que moramos (municípios diferentes) ou pelos muitos afazeres do cotidiano e até mesmo por falta de qualquer curiosidade que pudesse despertar em mim algum interesse em visitar aquele lugar, nunca tinha estado ali.

Deparei-me com uma escola pequena, recentemente construída, com paredes novas e pintura límpida, mesas e carteiras bem organizadas no interior de duas salas de aula. Ao seu redor, crianças, filhas dos agricultores que moraram ao seu redor brincavam soltas com os pés no chão, havia também a presença de alguns animais: cachorros, galinhas e até alguns cocós³, compondo a paisagem rural e trazendo mais vida aquele contexto.

3O termo refere-se a galinha-d'angola (Numidameleagris), conhecida também como angola, galinha-da-índia, galinha-da-numídia, galinha-da-guiné, angolinha, angolista, galinhola entre outros nomes variantes conforme a região do Brasil. Disponível: <https://www.comprerural.com/to-fraco-galinha-dangola-capota-ou-coca-conheca-ave-africana-que-conquistou-o-campo-Fontebrasileiro/>

Como não era um dia letivo na unidade escolar, na hora marcada, minha entrevistada chegou, vindo de sua pequena chácara que ficava situada a quatro quilômetros da escola, sentamos em duas carteiras que estavam na sala que diariamente exercia sua docência, e fiz a pergunta que tanto aguçava a minha imaginação para aquele encontro, indaguei sobre a história de sua vida. Mesmo conhecendo a realidade histórica de minha mãe, sabia que quando optamos por utilizar a história de vida e mais propriamente a memória como fonte, validos são os ensinamentos de Michel Pollack que ressalta sobre a seleção de acontecimentos.

O autor afirma que “A Memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, é, portanto, uma construção que envolve um processo de escolha, sendo variável e também múltipla, pois cada pessoa ou grupo cultiva um conjunto particular de recordações. (POLLACK, 1992, p.04). Estava pronta para saber qual percurso narrativo seria escolhido por ela.

Como a técnica para buscar esse objetivo seria a entrevista, lembrei-me dos ensinamentos de Alessandro Portelli, (2010, p.04) ao afirmar que: “a entrevista é um espaço compartilhado de narração”, que mobiliza alguém que deve estar aberto a escutar e outro/a que se predispõe a narrar, assim, a História oral é considerada uma “arte da escuta” (PORTELLI, 2016, p.10)

Com essa concepção, pus-me a ouvir seu relato, que logo veio a confirmar o processo enunciativo da decisão de conceder sua entrevista naquele lugar, afirmando:

Eu cheguei aqui na comunidade em 1999, no dia 11 de novembro (Pausa), como eu venho de uma família né de lavrador (Pausa) eu morava em Araguaína, antes trabalhava com salgado né, salgadeira. Eu sempre tive vontade de ter um pedacinho de terra para mim trabalhar com meu marido, que também gosta da agricultura e dia 11 de novembro de 1999 nos conseguimos um pedacinho de terra aqui nesse Assentamento.

A chegada naquela comunidade juntamente com o seu esposo, é o primeiro marco narrativo de referência escolhido na ocasião para a construção do seu relato de vida, com uma forte ênfase cronológica ligada ao dia, mês e ano: “11 de novembro de 1999”, que é duplamente lembrado como uma data que marca mudanças, pois antes, a morada era em Araguaína, o ofício de sobrevivência era o trabalho com salgados, mas existia a “vontade de ter um pedacinho de terra”, a vontade de retornar ao modo de vida da infância proporcionados pelos pais lavradores e esse desejo é concretizado com a chegada naquele Assentamento.

O discurso aqui proferido trata-se não somente de questões de ordem sentimentais ligadas a desejos e sonhos alcançados, diz respeito ao estabelecimento da ocupação territorial que muito transcende ao simples fato de se chegar e se estabelecer em nova habitação geografia,

haja vista, que o “território significa apropriação social do ambiente; ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas”(SAQUET,2008,p.81).

E essa apropriação social do ambiente, que muito evidencia Saquet em relação ao território, se esclarece com mais ênfase em outro trecho narrativo, onde expõe:

Esse Assentamento não era uma assentamento regularizado pelo INCRA, (pausa) todo mundo que vieram para cá, tinha vontade que o INCRA regularizasse as terras, então eu fui uma das enfrentantes, que juntei a comunidade, com alguns da comunidade e fomos em busca da regularização desse assentamento [...] lutamos muito e em 2002, conseguimos que o INCRA regularizasse aqui e fosse reconhecido como Assentamento.

44

O movimento de luta pela terra evidenciado no trecho, ilustra a dimensão dos problemas relacionados a reforma agrária no Brasil, que faz com que as concentrações de renda e as desigualdades sociais sejam tão presentes na sociedade. Ir em “busca da regularização desse assentamento”, ilustra a contribuição com a sua construção, e esse ato feito “com alguns da comunidade”, diz respeito as relações recíprocas que são correlacionadas no processo de construção do território.

Entretanto, somos inspirados a pensar, que a força dessa experiência desnuda outro aspecto importante, que diz respeito a configuração do papel social de mulher. Ao mencionar que “todo mundo, que vieram para cá, tinha vontade que o INCRA regularizasse as terras”, mostra-se uma expectativa relacionada ao benefício da coletividade rurale ao mesmo tempo a necessidade de uma ação que alcançasse esse fim. Nessa perspectiva, o ato feito por ela, refenda a investidura de uma postura de liderança frente aquela comunidade, fato que se revela ao dizer: “Eu fui uma das enfrentantes, que juntei a comunidade”.

A tradição patriarcalista que predomina nas relações culturais ainda de maneira muito forte no Brasil contemporâneo, revela suas raízes em períodos históricos bem anteriores. Peter Stearns ao tratar acerca da origem dessa base tradicional do patriarcado, menciona que a civilização clássica no Mediterrâneo já apresentava “uma tradição de distinguir traços intelectuais, considerados masculinos, e traços mais emocionais e menos mentais, atribuídos as mulheres” (2015, p. 37-38). Esse comportamento renegava o feminino a prática de atividades inferiores ou a desempenharem papéis altamente domésticos. Tal visão é bem presente nas configurações familiares brasileiros, tanto do meio urbano, mais com bem mais ênfase no campo, afirma Michelle Perrot que: “Esse mundo rural, cujo pilar é o casal, é muito hierarquizado: entre os sexos (ele é o senhor) entre as mulheres” (2007, p.111)

A ocupação de liderança pela mulher se constitui em uma modificação de valores sociais conquistadas através de lutas e empoderamento que alcança mudanças de paradigma que ainda estão se remodelando. Ter uma comunidade agrária onde uma mulher exerce um papel dessa dimensão é algo que demonstra um redimensionar dos papéis entre os gêneros, pois a tradição cultural predominante é que a maioria das mulheres exerça os serviços domésticos, cuide dos filhos (a) e auxiliem nos trabalhos da roça.

Esse fator da investidura da liderança de Dona Luzinete, se solidificou em outro momento da entrevista quando menciona: *“Logo que cheguei e estando sempre envolvida com a comunidade, fui eleita a presidente da associação, (...) a primeira mulher que fui presidente de associação desse assentamento”*. Esses trechos narrativos quando analisado aqui também, sobre a ótica da memória, revelam que *“na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio de memória, que são lugares de comemoração”* (POLLACK, 1992, p. 202).

É possível compreender aqui, que a rota de chegada ao Assentamento Tucumerim na vida da narradora, evidencia a eleição daquela localidade como um lugar de peso material e imaterial, ou seja, uma lugar de comemorar suas conquistas pessoais: *“Ter um pedacinho de terra”*; *“fui eleita a presidente da associação”*, *“a primeira mulher que fui presidente de associação desse assentamento”*, mais que foram vivenciadas nos aspectos mais públicos: *“estando sempre envolvida com a comunidade”* dando a ela oportunidades de vivências diferente, reconfigurando seu contexto de vida.

3. OS RITOS E SONHOS: CORRELAÇÕES PRESENTES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A memória proclamada no contexto da narrativa de vida pode desvelar nuances nas relações entre o presente, passado e até mesmo fomentar as reflexões futuras. Acredita-se que é por meio do *“discurso, [que] os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se no mundo humano [...] na conformação singular do corpo e no som singular da voz”* (ARENDT, 2004, p.192) o que permite demonstrar os diversos aspectos sobre o modo de vida que se investiga.

Nesse sentido, válido se faz analisar, como os ritos e os sonhos podem se correlacionar em meio a formação identitária. Os ritos aqui, são tomados no sentido dos trabalhos laborais que

foram executados ao longo da vida para a subsistência e os sonhos como as expectativas de futuro traçadas como metas para se alcançar.

A primeira atividade de subsistência de Dona Luzinete, como já mencionada antes, foi a profissão informal de salgadeira, algo que se modificou com o seu deslocamento para o Assentamento. Posteriormente a sua chegada, passou a exercer o ofício de professora, construindo uma trajetória que partiu de uma escolha antes não planejada:

*Não vim para cá na intenção de ser professora, vim para trabalhar na agricultura familiar, mas quando cheguei aqui tinha uma escola que estava praticamente parada por falta de professor (pausa) Eu não tinha uma formação na área da educação, mas fui convidada para trabalhar nessa escola e eu me prontifiquei e como eles me colocaram a vaga a disposição eu falei que aceitaria e que iria buscar a capacitação na área da educação que eu não tinha. **Eu já estava a 28 anos fora da sala de aula, mas mesmo assim eu aceitei**, eu tinha apenas a 8ª série, mas mesmo assim eu fui em busca da minha capacitação. (grifo nosso)*

46

Podemos entender o início das experiências no campo da docência como importantes para a observação dos desafios e das aprendizagens que os/as professores/as adquirem nessa fase da profissão. Dona Luzinete evidencia, seu primeiro desafio a ser vencido, buscar a sua própria formação acadêmica: “Eu já estava a 28 anos fora da sala de aula, mas mesmo assim eu aceitei”. Nóvoa (1992), ao explicitar sobre os pressupostos da profissão docente, reflete sobre o elo articulador entre os percursos profissionais e pessoais e como esses avançam e evoluem ao longo da vida, explicitando que o fazer profissional se constrói conjuntamente com as experiências adquiridas.

Tuan (1983) afirma que “[...] experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele [...]” (p. 101-11). Esse universo do elo experiencial, se intercala as condições que muitas vezes são submetidos esses profissionais, que exigem entre outras coisas, grandes esforços para a conquista da formação gradual e aprendizagens rápidas:

Eu morava a 4km aqui da escola, que antigamente era uma casinha de tabua, tampada de palha, eu vinha de manhã, me deslocava da minha parcela, que fica a 4km a pé para dar aula, eu vinha dava aula e quando era meio dia eu retornava para casa lá... Três e meia eu retornava para cá novamente, para sede do assentamento e daqui saia um ônibus que levava os estudantes para Piraquê [...] eu ia todos os dias nesse ônibus para fazer meu ensino médio. Agente chegava... retornava para cá em torno de meia noite, as vezes até uma hora da manhã, dependendo se o ônibus quebrava [...] as vezes vinha a pé. Mesmo com toda essa luta consegui terminar meu segundo grau, fiz um ano de EJA e depois uma prova que a delegacia dava para quem queria fazer o

curso, e se passasse agente terminava o ensino médio...Se passasse ia direto para fazer o vestibular [...] Prestei o vestibular, eu já estava com cinquenta e poucos anos [...] passei em terceiro lugar em pedagogia [...] Estudava todo feriado e final de semana e no mês de julho e janeiro agente estudava.

Os trechos acima mostram que o desenvolvimento do labor na educação não foi uma tarefa fácil, depois da riqueza demonstrada nos detalhes diários para se alcançar êxito nesse objetivo, a narradora denuncia sua concepção das dificuldades presentes nessa trajetória. Mas não se pode entender que o rito da docência tenha sido simplesmente um caminho “penoso”, pois segundo Portelli (2016, p. 19), as narrativas não são um texto fixo ou um depósito de informações, “mas sim um processo e uma performance”. Isso, porque ao se lidar com a oralidade não se tem um discurso acabado e finalizado e sim, um discurso em constante reformulação processual, ligado intimamente com a conjuntura do tempo presente. Mais adiante na entrevista, um aspecto contrário, revela essas modificações, onde as alegrias se evidenciam como predominantes:

*[...]. Muitas coisas melhoraram de lá para cá. Hoje nos estamos aqui em uma escola, inclusive (pausa) muito, (ênfase com a cabeça) muito boa!!Nova, com duas salas boas, com mobília nova, temos sala de vídeo, cantina, dois banheiros: um masculino e feminino, temos área das crianças brincarem na hora do recreio e tudo isso foi uma conquista nossa. [...] Eu não vim para cá para ser professora, mas acabei me envolvendo e agradeço muito, **hoje eu sou uma professora**, fiz meu curso superior, fiz o meu concurso né, e hoje já estou entrando com o meu pedido de aposentadoria. (grifos nossos)*

As modificações físicas da escola, que são minuciosamente detalhadas, deixam transparecer os sentimentos positivos em relação ao contexto atual. O processo histórico de envolvimento com essa profissão e muito especialmente com aquela unidade escolar, constitui o segundo marco da narrativa de vida exposta por ela e que revela toda a sua influência em sua trajetória. Paul Ricoeur diz que “certos acontecimentos são considerados marcantes na medida em que servem de indícios para fenômenos sociais de longa duração e parecem determinados por eles” (RICOEUR, 2007, p.258)

Um outro vestígio encontrado nesse aspecto referente aos ritos, no relato aqui em análise, transmite uma preocupação trabalhista não própria, mas relacionadas as mulheres moradoras daquele local:

[...] Me preocupei muito com as mulheres que não tem renda, vive nos Assentamentos sem ter nenhuma renda assim... para ajudar no orçamento da casa. Quando eu fui presidente corri atrás de trazer vários cursos para elas

aqui, para poder se capacitar e ter como tirar o sustento [...] Trouxe vários cursos, como leite e derivados, curso de bijoias, elas aprenderam fazer bijuterias com os materiais aqui da terra, trouxe o curso de processamento da mandioca, sei que foram vários cursos...

Essa outra abordagem trazida pela narrativa de Dona Luzinete, nos orienta a pensar sobre as relações socioeconômicas vivenciadas naquela comunidade e a percepção instituída por ela dessas conjunturas, quando ela disse: *“Me preocupei muito com as mulheres que não tem renda, vive nos Assentamentos sem ter nenhuma renda assim... para ajudar no orçamento da casa”*. Essa postura instiga-nos a pensar, que a oportunidade de escolarização proporcionou, o crescimento da conscientização crítica da narradora hora estudada, ao perceber que as atividades geradoras de renda poderia ser um benefício não só para si, mas para as demais mulheres pertencentes aquele território.

A aquisição da consciência crítica é algo gradual e se relaciona com o modo que se percebe a realidade de vivência social, esse fator alarga a percepção do indivíduo enquanto sujeito possuidor de historicidade e detentor de capacidade de transformação. (FREIRE, 1987)

No que diz respeito aos aspectos dos Sonhos aqui investigado, Dona Luzinete não nomeou anseios específicos, quando indagada sobre essa questão, simplesmente ressaltou:

Muita coisa aqui (referindo-se ao Assentamento) mudou e muita coisa precisa ainda mudar e a gente vai continuar lutando, não vamos parar por aqui, vamos continuar lutando para que o nosso Assentamento melhore cada dia mais. Esse é meu sonho!

Nesse fragmento de memória e nos demais aqui ressaltados, é possível perceber a correlação com o sentimento de identidade, entendido como sendo a construção do:

sentido da imagem de si, para si e para os outros é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela próprio, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLACK, 1992, p. 204).

Nas narrativas sobre o percurso do Rito de se tornar professora, surgiram aspectos identitários que nos esclarecem, em parte, como as paisagens foram construídas ao longo do tempo. Para entender o ser professor/a é preciso compreender a relação que cada sujeito estabelece com o saber e com a escola e ainda se lançar a um exercício maior de considerar as posturas em relação a docência.

Mas é também nas memórias dos Sonhos, que surgem elementos que revelam como a identidade possui diferentes dimensões, não sendo algo estaque e acabado. No presente caso em tela, existe a identidade da professora, mas é a identidade da mulher sertaneja do campo que se anuncia, ao dizer: “*vamos continuar lutando para que o nosso Assentamento melhore cada dia mais. Esse é meu sonho!*” Percebemos a ligação de intimidade e de identificação com as experiências intensas vividas com esse contexto, dando ao indivíduo o sentimento de pertencimento ao lugar e o sentido de si para a vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho representou um esforço para explorar o potencial da história de vida de uma mulher pertencente a territorialidade da Região Norte, considerando suas rotas, ritos e sonhos. Entendemos que entrevistar uma mulher e poder ouvir suas experiências de vida é um momento enriquecedor de aprendizagem e reflexões, pois isso significa fortalecer as vozes femininas, que por muito tempo estiveram mergulhadas em silêncios impostos pelas desigualdades de gênero.

É por meios das memórias selecionadas na narrativa aqui interpretada, que buscamos evidenciar sentidos e problematizar as visões de mundo, sobretudo, no aspecto da atuação docente no campo. Contudo, acreditamos que mesmo com a força promovida por meio da própria produção da narrativa acerca de si, não se faz possível a edificação de certezas, pois esse contexto está em constante construção e reconstrução, pois cada sujeito se situa de acordo a temporalidade que o abraça.

Mas é também, nesse processo contínuo, que a identidade se estabelece e se remodela conforme as oportunidades de vivência do tempo presente. Se lançar em um trabalho narrativo de história de vida é poder buscar essas percepções da singularização do encontro, que mesmo sendo pautado por medidas maiores de aproximação, como aqui se evidenciou, ou tendo a marca inicial da distância, sempre ocorrerá de maneira única, da narrativa contada, ouvida ou mesmo criada no conjunto e que sempre permiti as oportunidades de transformação das pessoas e culturas envolvidas.

REFERENCIAS

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BRASIL ESCOLA. Feminicídio: O que é, Leis, Casos no Brasil e tipo. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em 30/05/2019

COMPRES RURAL. Lugar de Conteúdo Rural. Tô Fraco, Galinha D'Angola, Capota ou Cocá? Ave conquistou o Campo. Disponível em: <https://www.compresrural.com/to-fraco-galinha-dangola-capota-ou-coca-conheca-ave-africana-que-conquistou-ocampo-brasileiro/>. Acesso em: 30/06/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC., 1993.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992

PALMER, Bryan. Edward Palmer Thompson: objeções e oposições. Trad. KlaussBrandiniGerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PERROT, Michele. O corpo. In: _____. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Ed. Contexto, 2007, pp. 41-81.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. **História Oral e poder**. Tradução Luiz Henrique dos Santos Blume e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Mnemosine. Vol. 16, nº 2. p. 2-13, 2010.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tempo e narrativa: Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma Abordagem Territorial. In.: SAQUET, Marcos Aurelio & SPOSITO, Eliseu Savério. (organizadores) **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, pp. 73-94.

STEARNS, Peter. N. A base tradicional: civilizações e patriarcado. In: _____. **História das Relações de Gênero** (tradução: Mirna Pinsky). 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 27-40.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel. 1983